

## **O ensaio de Montaigne e a métis (As formas geométricas do saber)**

Wellington PEREIRA<sup>1</sup>

As formas de produção e difusão das idéias advindas da antiguidade vão encontrar no século XVI novas modulações retóricas e estéticas.

Os escritos teológicos e carnavalescos – da Idade Média - capazes de instaurar movimentos alegres ou medrosos vão ser confrontados com um novo gênero narrativo: o ensaio.

O novo gênero vai ter como principal característica não subordinando o mundo material ao mítico ou vice-versa; garantindo que o “nous” herdado dos gregos ponha em movimento os fatos e as coisas a partir de movimentos geométricos.

Com a forma narrativa do ensaio, o tratado como gênero explicativo dos fenômenos sociais começou a perder a sua importância, pois o predomínio da razão ante a astúcia foi repensada.

Este processo de equivalência da astúcia à razão – no sentido da investigação do conhecimento chega à Civilização ocidental no período renascentista:

O ensaio aparece de fato, no Ocidente, com o Renascimento e com o século XVI. A disponibilidade e o prestígio das obras gregas e romanas provocaram em Montaigne uma série de anotações, que acompanhadas de reflexões sobre coisas da época e temas da vida, compuseram os famosos e imperecíveis Ensaio: Essais, editados em 1595(...).<sup>2</sup>

Montaigne aparece como o “inventor” do ensaio – da nova maneira de inscrever subjetividade e objetividade das ações sem se preocupar com os níveis didático-explicativos dos tratados nem estabelecer paradigmas conclusivos às interpretações ônticas e ontológicas sobre o ser humano, ou seja: o ente e sua essência não poderia ser cortados pela tradição latina do “explicare”.

---

<sup>1</sup> Professor dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação e Sociologia, da UFPB. Doutor em Sociologia pela Universidade Paris V, Sorbonne. Coordena o Grupecj - Grupo de Pesquisa sobre o Cotidiano e o Jornalismo, vinculado ao PPGC/UFPB.

<sup>2</sup> SALDANHA, Nelson – Filosofia, povos, ruínas – páginas para uma filosofia da história. Rio de Janeiro: Caliban, 2002, página 33.

Na verdade, Montaigne aplica uma nova forma de organização dos saberes que os povos mais antigos – gregos, egípcios, caldeus – utilizavam a fusão de várias formas de conhecimento, a partir de métodos não-lineares de percepção. Isto significa aprender com o corpo e para o corpo: o kata.

Através dos ensaios, Montaigne demonstra que a circulação das ideias sobre a vida cotidiana deve estar “au-delà” dos limites da ética judaico-cristã, porque é preciso entender que os movimentos entre os seres e os objetos(ou mais tarde como vai nos ensinar Wittgenstein), fatos e coisas estão sempre in-ludo – jogo lúdico de construção, destruição e reconstrução das ilusões metafísicas, ou ideologias para os marxistas.

Os ensaios de Montaigne têm como principal função a retirada do saber de um “lugar fixo”, guardado no cibório como as hóstias para ser entregue ao povo.

O ensaio significa viagem. Viajar no conhecimento e como o conhecimento, verificar premissas sem a preocupação com o falso ou o verdadeiro, mas, sobretudo, com o processo que nos leva a enunciá-las.

A falta de conclusão – ou da síntese aristotélica – ao ensaio gera uma série de preconceitos quanto à sua conceituação, ratificando a ideia que o ensaísta tem como matéria-prima “os lazes da mente”. (SALDANHA, 2002, p.32).

Montaigne, em seus *Essais*, reescreve o mundo dos fatos e das coisas – das ações dos homens sobre os objetos e dos objetos deslocados pelos homens através das linguagens. Isso será possível porque não há uma separação radical entre as impressões pessoais do autor e o mundo erudito – codificado pelas tradições mítico-religiosas.

### **A razão da astúcia: a construção do ensaio**

O ensaio de Montaigne tem as seguintes características: 1) erudição; 2) reflexão pessoal; 3) “informalismo”. (SALDANHA, 2002, p.34). Estas servem para entendermos o “modus operandi” da construção do texto ensaístico, mas com relação ao processo de construção podemos acrescentar do ponto de vista de uma compreensão metodológica das temáticas, uma quarta característica: o emprego da metis.

A metis é uma forma de pensamento que apreende as ações e os objetos através das sinuosidades ou das diversas formas geométricas que assumem os saberes. Isso quer dizer: consideram o aspecto ambíguo, curvilíneo e reticular de tudo processo de difusão das ideias.

Na metis, o princípio metodológico é penetrar nas dobras dos significados – com o faz Deleuze em *Le Pli – sobre Leibniz-* ou Michel Maffesoli em sua tese sobre a razão sensível e a barroquização do mundo.

O emprego da métiis se diferencia da thesis, pois esta representa o percurso linear determinado pelos meios para um conhecimento-fim. Mas “a métiis é a capacidade intelectual orientada para a vida prática, para o êxito através da ação (...)”.<sup>3</sup>

Nesse sentido, o emprego da métiis promove a junção de conhecimentos através de um fio sensível – o senso comum, não desprezando a razão, mas procurando estabelecer os lapsos – vazios da memória – para dar novas formas estéticas as temporalidades dos enunciados.

Ao contrário da thesis, a métiis não se impõe através de uma razão argumentativa, mas misturar as estruturas do conhecimento resguardando o nível de complexidade e autonomia de cada uma.

No ensaio de Montaigne, podemos perceber o emprego da métiis na ênfase dada às idéias que parte do “nous” grego para o mundo exterior sem a preocupação de demarcar referentes espaços temporais, pois o importante é ampliar os significados do mundo a partir das palavras (correspondances) e não dos conceitos (l’arrêt).

Podemos perceber como a estrutura da obra ensaística de Montaigne no faz pensar que a idéias podem ser utilizadas para fusionar os princípios éticos e morais para compreensão dos movimentos entre o corpo e a mente, como no ensaio *Da tristeza*: “Deodoro, o dialético, vendo-se em suas aulas públicas incapaz, de repente, de responder às objeções que lhe faziam, sentiu tamanha vergonha que morreu na hora”.<sup>4</sup>

O importante para o ensaísta não é explicar a causa, mas os movimentos que vão das ações aos fatos e dos fatos às ações.

Portanto, na frase do ensaio citado, vemos emprego da métiis como uma forma de discutir as impossibilidades de respostas plausíveis capazes de determinar o estado final do ser no mundo, e a demonstração de que a dialético não resolve problemas metafísicos.

A complexidade dos ensaios de Montaigne (no sentido que Edgar Morin depois veio a dar a “complexus” – tecido) nos aponta para a necessidade de aprender a traves da imbricação das culturas, da dialógica que considera o começo e o fim de fatos e

<sup>3</sup> CHERQUES, Hermano Roberto Thiry. *Trabalho e sobrevivência política: métiis, a outra instância da razão* in: *Read- Edição 32, vol.9 n. 2.* Rio de Janeiro – mar-abr. 2003., p.6.

<sup>4</sup> MONTAIGNE. *Os pensadores.* São Paulo: Editora Nova Cultural, 2000, p. 39.

coisas que se imbricam, como no ensaio De como filosofar é aprender a morrer: “... de toda sabedoria e inteligência resulta finalmente que aprendemos a não ter receio de morrer”.<sup>5</sup>

### À guisa de conclusão

O ensaio em Montaigne representa a “razão da astúcia”, pois demonstra a existência de uma lógica do ilógico, a possibilidade de verificação do fio tênue – a sensibilidade – capaz de unir o senso comum e a “epistème” quebrando o autoritarismo das doxas.

Há um nível de consciência da astúcia que não se traduz em “vivacidade sem virtude”, mas impregnado da necessidade de colocar os símbolos em movimentos e revelando a rigidez semântica da razão utilitarista.

Quaisquer conceituações do ensaio são precárias, pois este não é um gênero de fixação da oralidade ou de formas estéticas:

O ensaio é uma forma que trabalha a repetição, ele dá forma a um movimento circular do pensamento, possui uma tendência para o cíclico, uma tendência a auto-repetição (...), Isto é facilmente perceptível em Simmel. As idéias se repetem, seja no interior no interior do ensaio, seja em diversos ensaios. Há uma tendência recorrente à repetição (...). O ensaio é pergunta e não resposta. No ensaio, o principal não é convencer o Leitor de modo absoluto, mas sim indicar caminhos fazê-lo pensar. Já que ele não comprova nada, sua principal tarefa é impulsionar o pensamento. O ensaio é mais dúvida do que certeza.<sup>6</sup>

A partir desta assertiva sobre o ensaio, podemos constatar que na ciência sociais temos nas obras de Georg Simmel e Michel Maffesoli a produção de uma escrita herdeira da ensaística de Montaigne, porque fortalecem a idéia do conhecimento posto em movimento através das formas geométricas e das categorias estéticas, ou seja: a forma em Simmel, o sensível em Maffesoli, as razões da astúcia que investigam as astúcias da razão iluminista.

---

<sup>5</sup> Idem, p. 92.

<sup>6</sup> WAOZBORT, Leopoldo. *As aventuras de Georg Simmel*. São Paulo: USP/Editora 34, 2000, p. 66-67.